

AGOSTO  
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

# Estudos

Série M

N.º 22

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.<sup>mos</sup> Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

## Psicologia e educação

### PROBLEMAS DAS JUVENTUDES — A GRANDE INFLUÊNCIA DO PAPEL PSICOLÓGICO DO «PAI» NA FORMAÇÃO DO CARÁCTER DOS FILHOS (continuação)

A predominância psicológica do pai, tanto pode ser uma bênção, como uma desgraça para o filho  
— As psicoses introvertidas

### A «RACIOLOGIA» E OS PROBLEMAS DO «RACISMO» Raças, étnias e nações

### O DIAGNÓSTICO E A TERAPÊUTICA DA PREGUIÇA As diversas preguiças e as suas frequências — Preguiça de ordem patológica ou fisiológica

### AS ANEMIAS

### ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA E A PSICOLOGIA DINÂMICA — IV

A físico-psicologia e as suas relações com a sociologia — As memórias e os afectos

### AS INFLAMAÇÕES DA VESÍCULA

### PERTURBAÇÕES NERVOSAS DOS DIABÉTICOS

#### PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala \_\_\_\_\_

Est. \_\_\_\_\_

Tab. \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_

# UM TRANQUILIZANTE PARA CADA CASO

Tranquilizante geral

Probamato

Menopausa  
Excitações nervosas  
da mulher, devidas  
a insuficiências  
ováricas

Insuficiências cardíacas  
Taquicardia  
Tequiarrítmia  
Cardioesclorose  
e em geral:  
Excitações nervosas  
dos cardíacos

Probonar

Pendulon

***O Probamato e as suas associações,  
constituem o melhor tratamento con-  
tra os diversos estados de ansieda-  
de, nervosismo e excitação***

AGOSTO  
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

# Estudos

Série M

N.º 22

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

## Psicologia e educação

### PROBLEMAS DAS JUVENTUDES

#### A GRANDE INFLUÊNCIA DO PAPEL PSICOLÓGICO DO «PAI» NA FORMAÇÃO DO CARÁCTER FUTURO DOS FILHOS

#### II

No estudo que principiámos no número anterior, ficou bem destacada a importância que os pais têm na formação do carácter futuro dos filhos. Como dissemos, durante muito tempo foi ignorado o papel que o pai tem na formação emocional da criança e na preparação do carácter futuro dos filhos, especialmente dos rapazes. Vamos continuar com este estudo, tratando particularmente de alguns aspectos do problema.

#### **Um pai que coloca a ternura muito acima da educação, falta aos seus deveres**

Ele verificará as complicações que a sua atitude origina.

Há muitas mães que actuam como os pais frios e alheados e muitos pais que se comportam como mães, que exageram os extremos da afeição; isto mesmo sucede com alguns avós, tios e ainda com certos pais adoptivos.

Ora um pai demasiadamente carinhoso, mas que falta aos seus deveres de educador, prejudica o filho. É necessário que se apresente à criança, como um ser superior, o verdadeiro tipo de educador responsável, que mais tarde, terá de fazer a transferência do filho, do exclusivismo da mãe, para a sociedade; tem de ser a pessoa que o auxiliará a contactar, e depois a entrar em relações com o seu mundo exterior.



Se o pai estiver ausente, se a criança não conservar a imagem do pai, ou o considerar como uma pessoa tirânica, o trabalho da mãe passa a ser muito maior, de grande responsabilidade sobre a formação de carácter do filho; mas deve pensar que a mãe pode impor-se a princípio, mas mais tarde, o filho terá muitas dificuldades em estabelecer as ligações indispensáveis com o meio exterior. O pai ensina as realidades ao filho e traça-lhe os limites da sua acção com o exterior. «O pai é o *elemento estabilizador* no drama da existência».

Durante a guerra, verificámos que os prisioneiros nos campos de concentração, suportariam melhor o seu martírio, se tivessem tido um pai enérgico, que os tivesse preparado para a dureza da vida. Quando um rapaz chama a «mamã», não sente a autoridade, mas quando pronuncia «pai» sente que ele tem uma certa «força», a que corresponde «apoio». Um internado em um campo de concentração, altamente deprimido, mudou de aspecto quando recebeu uma carta do pai, em que dizia «*aguenta-te firme*, que isso não vai já durar muito tempo e cá estou para depois te auxiliar». Isto foi suficiente para o levantar e manter o seu moral.

A estratégia da rebelião, principia pelo exemplo paterno; sem este modelo, a rebelião converte-se em teimosia e exprime-se por violências estúpidas e quase sempre contraproducentes. A necessidade de sentir o apoio moral do pai junto a si, é particularmente útil para os deportados ou mesmo para os expatriados. No trabalho que o Prof. Merloo publicou com o título «Suicídio e Suicídio Colectivo», pôs bem em evidência que «os que se lembram do pai e que sentem o seu apoio, raramente se suicidam».

Num outro livro publicado anteriormente — *Viver por procuração* — o Prof. Merloo descreveu a bloqueagem do desenvolvimento emocional e a dependência prolongada das crianças de quem o pai não está à altura dos seus deveres. Pode então dar-se o caso de elas procurarem fora do grupo familiar modelos paternos mais independentes e mais firmes sob o ponto de vista emocional, modelos que podem servir como base sólida para firmar o seu carácter e formar novas ligações sociais, mas podem também encontrar «modelos» que prejudiquem todo o seu futuro.

A delinquência juvenil é muitas vezes da culpa do pai; muitos educadores descrevem-na como sendo provocada pela falência da disciplina paterna. Muitos casos de homossexualidade, masculina e feminina, são devidos à persistência da disciplina materna e aos vãos esforços para se libertarem. Um pai ineficaz é muitas vezes responsável pela noção invertida que as crianças têm sobre o papel sexual dos pais, especialmente nos casos em que a mãe é considerada como o patriarca forte da família.

A afectividade da mãe pode ter influência na dependência moral observada nos alcoólicos, toxicomanos e bolímicos (comilões); nestes casos, encontra-se muitas vezes a explicação na acção dos pais, fracos

ou ausentes da família. A falta de um exemplo enérgico de um educador, que nos habituamos a amar, a respeitar e a imitar, pode provocar todas as formas de auto-destruição.

### **A predominância psicológica do pai tanto pode ser uma bênção como uma desgraça para o filho**

Se o pai for um «tirano», sempre a ordenar ao filho, «faz isto, não faças aquilo», vai-se habituando a pouco e pouco, a tomar um carácter agressivo e equívoco e a censurar constantemente os outros. Por outro lado, se o pai der ao filho, muito cedo, a responsabilidade de tudo, a criança pode tornar-se excessivamente escrupulosa, hipersensível, e a sentir-se deprimida com qualquer contrariedade.

São atitudes do educador, às vezes paranóicas, que podem provocar as mais funestas consequências.

A criança tende sempre para adoptar uma atitude emocional semelhante à do seu pai e quando este é tirano, vai criando uma reacção contrária às pessoas autoritárias, que mais tarde for encontrando. Há crianças que se recusam a comunicar com a sua mãe e com os seus irmãos e irmãs, mas que balbuciam as primeiras palavras quando saem a passear com o seu pai; sucede o mesmo com alunos das escolas, a quem se proíbe certas leituras; em muitos casos, a criança, quando o pai se reintegra nas suas funções de chefe de família, passam a querer ler junto do pai e sentem-se deliciadas quando o pai, essa «pessoa enorme», passa a brincar com o filho, às vezes caminhando a quatro patas, como um bebé; a criança reconhece nesse acto, a grandeza do pai.

Em um estudo sobre «motivações políticas», o Prof. Merloo chama a atenção para pessoas que, deixando a intimidade da família, para aderirem a um grupo agressivo e autoritário, o fazem na ausência do pai, ou quando ele é tirânico ou indiferente às necessidades de ternura e de afeição que têm os filhos, ou ainda quando se afastou da família. O partido extremista, neste caso, é quem substitui o pai e passa a ser a válvula de expansão para os ódios e as frustrações secretas do adolescente.

Os grupos extremistas conhecem muito bem estas «motivações» que impelem os rapazes e as raparigas a assinarem a sua adesão de compromisso e a associarem-se e a identificarem-se com as suas reivindicações. Estas entradas em agrupamentos, em virtude da sua pouca idade, são feitas sem tomar as devidas reservas, que tomariam com mais idade, porque então já teriam a tendência para conservar a sua personalidade, ainda que se somassem em grupo, o que representa a resultante da defesa do seu «Eu», que se conserva pessoal, mesmo mais tarde, nos grupos. O partido extremista, para muitos adolescentes, representa a substituição do ídolo caído, do pai que faltou à sua missão. Por aqui se conclui

a responsabilidade dos pais para com os filhos e filhas, a quem podem inutilizar o seu futuro, por falta de amor.

Quando o pai não cumpre as suas funções, provoca no filho a necessidade de o substituir, mais tarde, por outra entidade que tenha a característica de «pessoa enérgica». Em vez de estabelecer relações normais com os seus semelhantes, a criança pode tender para preferir uma atitude dictatorial que reprima as suas conversas e a sua tensão interna. A «queda do ídolo» é acompanhada por uma transformação psicológica interior. Há muitas mães nevróticas que, desgraçadamente para os filhos, têm o hábito de fazer cair os seus maridos, do seu pedestal paterno... e assim prejudicam fundamentalmente o futuro dos filhos!

A educação deve orientar-se para suprimir, a pouco e pouco, o número e as necessidades de dependência do filho. Sem dúvida, que esta transição será tanto mais fácil quanto mais serena for a atmosfera familiar, onde a criança sinta o amor e o consentimento ou a identificação com um pai enérgico; isto constitui um estimulante para a auto-determinação e é tão importante para as raparigas como para os rapazes.

As mães podem ter uma atitude decisiva nesta transição. O Prof. Merloo cita o caso de um filho, adorado pela mãe e sempre encostado às suas saias; a mãe era uma matrona compulsiva, descontente com a moleza do seu marido ou pelas suas ausências da casa e que transferiu para a criança todos os seus desejos de comando, de amor e de virilidade. Lendo muitos livros, a mãe considerava o seu filho mais velho, como um órgão seu, emanado do seu próprio corpo; continuou sempre debaixo da sua vista e, quando veio um novo filho, o mais velho tomou para si, automaticamente, a responsabilidade de pai, mas sem ter qualquer preparação para isso.

A criança, amimada e com desenvolvimento progressivo que existe sempre no fundo de cada um, nunca pôde neste caso exprimir a sua progressão educativa. O primeiro filho, tornou-se num instrumento da mãe, a quem adorava quase patologicamente e tornou-se em uma ama seca do segundo filho, pronto a satisfazer todos os caprichos da mãe. A própria vontade de brincar, acabou por desaparecer; o seu Eu não chegou a atingir a independência e nunca se desligou dos seus laços edípicos.

O Prof. Merloo cita vários casos, alguns dos quais terminaram pelo divórcio, depois de um profundo caso de neurastenia. Outros casos só se modificaram quando a criança, por imposição do pai ou por conselho médico, se afastou da mãe para entrar para um colégio interno em que o educador, guiado por um psiquiatra, pôde salvar a criança, que começou por querer sentir a tutela paterna; mais tarde, foi uma esposa inteligente que acabou por o curar.

É a própria criança que sente a falta do pai e que deseja preenchê-la. É muito interessante, para estudo, o caso por nós observado, que

vamos descrever: — Uma senhora, nervosa, mas finamente educada, viu-se obrigada a divorciar-se, ficando com uma filha; a sua saúde ressentiu-se, como é natural; algum tempo depois, esta criança já com nove anos, pediu à mãe que se tornasse a casar, porque desejava ter um pai; apesar do amor da mãe e de uma tia, muito querida, com quem a mãe vive, ela sentiu que lhe faltava o apoio de um homem, em quem se apoiasse para poder enfrentar os contactos com o mundo; na sua sensibilidade, compreendia que a mãe e ela se achavam desamparadas.

### As psicoses introvertidas

A psicanálise mostra a existência de «psicoses introvertidas». Alguns doentes, devido à sua hipersensibilidade, não podem manter a regularidade de um tratamento prescrito. Têm de ser acompanhados pelo seu médico, que sabe que os doentes com estados psicossomáticos devem ser tratados com doçura, com flexibilidade, e assim chegarão a modelar o doente, pai, mãe ou filho, a ponto de o reconduzir ao seu papel respectivo no lar, reconstituindo um lar destroçado, em que os elementos se toleram, quando não se tornam inimigos.

A paz no lar só se consegue quando se chega à conclusão de que tanto o pai, como a mãe, têm papéis diferentes, mas complementares. Uma acção inteligente pode salvar o filho, mas algumas vezes é indispensável, pelo menos durante alguns períodos, separá-lo dos pais, internando-o em colégios, onde se ocupem da parte psicológica da educação.

Uma das causas de perturbações, que leva às vezes até à psicose e de que as crianças muito sofrem, é a incompatibilidade entre o marido e a mulher, que pode ir até à intolerância e mesmo até ao ódio. Muitas vezes a mãe, grávida, sente já uma má vontade contra o futuro filho do homem que detesta, má vontade que continua depois do nascimento e se reflecte no filho.

Lidámos com uma doente, a quem um rapaz tinha prometido casamento e depois abandonou. A mãe pediu ao médico, a quem expôs a sua situação de solteira, que lhe receitasse qualquer abortivo, não só pela sua situação futura perante a família, mas porque sentia desde já o ódio contra um filho «daquele patife».

O médico tentou actuar psicológicamente sobre as duas mães, com resultado. Convenceu-as de que o filho era principalmente seu e pouco pertencia ao pai; que na semente que o germinou, apenas uma quadragésima parte pertencia ao pai (o espermatozóide mede apenas 5 milímetros, enquanto o óvulo mede 200 milímetros); que depois de gerado, a criança vivia da mãe e à parte do pai; que a mãe a estava criando à custa do seu sangue, dos seus alimentos, etc., e dos seus sofrimentos; que oferecesse ao seu filho os sofrimentos por que estava passando, solidariamente, porque a criança também era vítima do pai; que a mãe

tinha de amar o «seu» filho e de o ajudar a viver, pois o tinha ajudado a viver durante nove meses e que ele o compensaria de todos os sacrifícios que a mãe, sòzinha, tinha feito por ele. Esta acção psicológica teve resultado nos dois casos; os filhos criaram-se e a paz nasceu na alma da mãe e facilitou o entendimento futuro com os pais casados.

**Nenhuma mãe, quer seja ou não dominadora  
pode inculcar a «virilidade» ao seu filho**

Os jovens têm geralmente uma ausência curiosa da noção do tempo, como se o pai fosse encarregado de simbolizar a pontualidade e a obediência aos horários, a regulação bem observada das actividades, e a «exactidão», sem qualquer obsessão, mas também sem qualquer concessão.

Além disso, o sentido da pontualidade, encontra-se sempre diminuído nos psicóticos e normalmente nas mulheres e nalguns jovens a quem é necessário educar para o adquirir.

Em geral, as crianças têm a impressão de ser absorvidas pela dominação materna e daqui nascem as dificuldades em verificarem os deveres de pontualidade; dizem «a mãe que se encarregue de nos lembrar a hora...»

Uma sã transição entre o paraíso do seio materno e a realidade paternal é altamente desejável. Em uma família em que o pai está ausente, as crianças têm sempre o desejo de «ficar mais um pouco» em casa, sobretudo quando o professor é pontual e severo; desculpam-se sempre com a mãe, que lhes não deu o almoço a tempo, que não lhes deu o banho, etc.

Esta «falha da escola» desaparece quando o pai tem o dever e hábito de acompanhar o filho à escola, sobretudo na fase de angústia da separação da mãe e do filho, na primeira idade.

Wolff descreveu bem o contraste da significação simbólica da mãe e do pai nos sonhos e nas associações de ideias dos filhos. É interessante para interpretar as extravagâncias dos sonhos das crianças sem tutela paterna; a «mãe» é representada pela terra, pela lua, pelos alicerces de uma casa, a vida, a união, as imagens inconscientes, o mar, a protecção, o sonho, a emoção, a integração, a êxtase divina e a ternura; o «pai» é representado pelo sol, pela morte, pela separação, a força, a luta, a realidade, a intimidade, a oposição, a progressão e a alegria de criar.

Em resumo, a relação social entre o pai e o filho, auxilia o rapaz a libertar-se da ligação simbiótica com a sua mãe; há rapazes que só falam muito tarde, quando estão sós com o seu pai, fora das trocas pré-verbais com a mãe; nas raparigas, é o pai que prepara o caminho para as relações sãs com os outros homens.

O pai é que forma o princípio da estrutura moral; isto verifica-se na delinquência juvenil, em que muitas vezes o pai não é um exemplo moral ou não teve firmeza na educação que prepara aquela estrutura; o filho é um débil na vontade, pronto a seguir qualquer impulso, sobretudo nos actos que possam mostrar aos outros que ele não é um fraco, pelo contrário, «é um rapaz capaz das maiores temeridades».

Tudo se passa como se o pai — ídolo caído — tivesse libertado nos adolescentes o desejo violento de se tornarem anti-sociais. Os «pais eminentes» que só mostram o seu papel de pai na presença de outras pessoas, acabam frequentemente por irritar os filhos, quando intervêm.

Um problema especial é o dos «pais passivos», que fazem pesar a sua passividade, sobre toda a família e a casa inteira. Influenciando toda a sua família, com a sua moleza e o seu descontentamento permanente, torna-se em um rival dos seus filhos, por querer para si só a afectividade da mãe. A sua fuga para ocupações múltiplas, a sua má disposição e as suas queixas contínuas, chamando a atenção da mulher e dos filhos só para si, diminui ou anula o seu papel de dirigente; o seu maziquismo contagia os outros, que acabam por tomar a mesma atitude; é uma família onde não há boa disposição nem ordem.

Tenho observado estas famílias, diz o Prof. Merloo, em que todos têm pena do «pobre pai», sempre a questionar e tomam uma atitude ambivalente a respeito da mãe. No entanto se os dois pais clarificarem os seus sentimentos ambivalentes, passam a ter um papel comum, mas é sempre o pai que dirige e dá um sentido ou solução às emoções contraditórias e confusas do filho.

Como atrás dissemos, é o pai que tem o principal papel psicológico no estabelecimento das relações e das transferências do bloco «criança-mãe» para a sociedade. O Prof. Merloo diz que tratou uma pequena, a quem o pai tinha morrido antes de ela nascer; foi atingida por uma colite e apresentava um comportamento nevrótico compulsivo o que a fez enviá-la para uma psicanalista que a tinha tratado mas que julgou preferível que ela fosse tratada por um psicanalista masculino, e o Prof. Merloo continuou com o tratamento geral da criança. Os sintomas foram-se dissipando; foi o psicanalista masculino que conseguiu separá-la de uma forte simbiose maternal, conseguindo normalizá-la.

É difícil exagerar a importância do «papel-chave» do pai, no momento em que a criança deve cortar os laços fortes que a ligam à mãe e que impedem a sua liberação. O corte do «segundo cordão umbilical», simboliza o afastamento do reino mágico e absorvente da mãe. As relações entre o pai e o filho, determinam a natureza da transferência inicial e, mais tarde, o estabelecimento das relações e a capacidade de comunicar com os outros, facilmente, pela linguagem.

Se o pai é inexistente ou se o ídolo paterno tem pés de barro, que se quebram facilmente, a falta da identificação paterna contrariará o equilíbrio social da criança. Tanto nos rapazes como nas raparigas, podemos encontrar um desejo de fuga, para longe das actividades sociais e podem mostrar-se alguns sinais de uma nevrose ou de uma psicose incipiente, o que mostra, mais uma vez, a importância capital da harmonia familiar, como condição indispensável para a manutenção de uma boa saúde mental de todos os membros da família.

Na clínica «Mental Health Clinic» do Prof. Merloo, em que grande número de adolescentes provêm de famílias matriarcais, em que o pai raramente tem qualquer papel significativo, ele diagnosticou frequentemente esta falta de afirmação do seu «Eu» e a falta de equilíbrio social, como se os filhos tivessem a necessidade de formar uma imagem do que deve ser um «verdadeiro pai»; todos os adolescentes, têm a necessidade de se afirmar, para tentarem ser independentes e para isso são fortemente auxiliados pela influência de um pai viril.

Todos respeitam e estimam o pai com «vontade», que exprime «virilidade» e podem «amar», mas não «respeitar» um pai fraco, pronto sempre a desculpar e a perdoar, a quem se referem, como o «meu paizinho» ou o «meu pobre pai», e nunca com orgulho «Meu Pai», que é símbolo de «amor — guia — conselheiro — apoio».

## CURIOSIDADES

### Pensamentos:

★ A única diferença entre o «capricho» e a «paixão eterna» é que o capricho pode durar muito tempo — (*Oscar Wilde*).

★ Antes de casar, eu tinha seis teorias sobre a maneira de educar os filhos; agora, tenho seis filhos e nenhuma teoria — (*John W. Rochester*).

★ Deixar de fumar é a coisa mais fácil que há; eu, por exemplo, já deixei de fumar mil vezes — (*Mark Twain*).

★ Eu posso resistir contra tudo, menos à tentação — (*Oscar Wilde*).

★ Fale a uma pessoa dela própria. Não se cansará de vos ouvir falar durante horas — (*Disraeli*).

★ O homem bem-educado, deve viver em casa da sua amante e morrer em casa da sua mulher — (*Henry Becque*).

★ Os solteiros, sabem mais sobre a mulher, do que os homens casados; senão, já tinham casado há muito — (*J. L. Menken*).

★ Somos sempre de opinião que as pessoas que têm bom senso são as que pensam como nós — (*La Rochefoucauld*).

★ Todas as pessoas são conservadoras no final das refeições — (*Emerson*).

★ Um beijo; para uma mulher é o fim do começo; para um homem é o começo do fim (*Helena Rowland*).

## PROBLEMAS DE FILOSOFIA

A « RACIOLOGIA »  
E OS PROBLEMAS DO « RACISMO »

## I

O estudo dos caracteres próprios dos povos e particulares às raças, são dependentes do clima, do meio e especialmente da hereditariedade e hábitos de vida adquiridos. Como os povos e raças são diferentes, os seus hábitos dão por vezes origens a contrastes que levam a desentendimentos e, por vezes, a conflitos.

Estes desentendimentos e conflitos têm sido aproveitados, muitas vezes criminosamente, por ambiciosos, que, por motivos de economia, de ambição ou de política, procuraram servir-se dos povos de raças diferentes para provocarem ódios e mesmo guerras. O que se está passando na América, na Ásia e em África é o resultado da actuação desses agentes; felizmente os portugueses têm sabido desde há séculos, encarar os problemas das diferenças de raças e de nível de educação, sob um aspecto humano e cristão, de colonização progressiva, de maneira a incentivarem a educação e o futuro bem-estar dos povos que colonizaram, até atingirem o equilíbrio educacional e económico da metrópole. Isto já vai sendo compreendido por alguns e sucede que actualmente, somos só nós que estamos a promover «efectivamente» o progresso dos africanos, com excepção da África do Sul e da Rodésia que, com outras linhas de rumo, estão igualmente procurando o progresso dos seus povos.

Para melhor nos orientarmos, está-se desenvolvendo em todo o mundo o estudo de uma nova ciência — A Raciologia — que está interessando todos os sociólogos.

Este estudo, para ser compreendido, tem de ser feito cientificamente, por sectores, cada um especializado em uma secção particular, para que no final as conclusões nos dêem a explicação das reacções humanas particulares a cada raça e das consequências naturais desta evolução. Assim, conseguir-se-á compreender quais são os artificios com que se pretende explorar e desviar os indivíduos nesta fase de evolução social, sugestionando-os e aproveitando-os para os transformar apenas em elementos de combate e de destruição e não para progredirem mas para servirem apenas ambições e interesses, verdadeiramente criminosos; os que os impulsionam não se preocupam com o facto de, em vez de procurarem servir o progresso destes povos, os estejam a conduzir à destruição.

Vamos pois procurar trazer aos leitores dos «Estudos» as conclusões das investigações que estão sendo realizadas no estudo da nova ciência — a Raciologia —.

Nestes estudos, como em vários outros sobre psicologia, que temos publicado, baseamo-nos nas conclusões do Prof. Dingemans, especialista de antropologia médica e psicossomática, em New York.

Os progressos que se têm feito no estudo da biologia e fisiologia humanas, sobretudo pela aplicação da genética e as numerosas e recentes descobertas feitas nos processos físico-químicos dos «genes» e sobre a dinâmica dos «cromossomas», vieram dar à Raciologia uma dimensão nunca anteriormente prevista.

No entanto, em relação à psicologia, ainda existem opiniões divergentes sobre as noções de «raça», através da tipologia e da caracteriologia; admitem-se condições genéticas, em relação com as predisposições psicológicas constitucionais.

Devemos provar a superioridade ou a inferioridade de certos tipos humanos? — Não devemos dirigir os estudos, modulando uma ciência com a ideia de concluir por uma opinião preconcebida e utilitária. Os sociólogos, os psicólogos e, com maior razão os médicos e os educadores, estão cada vez mais envolvidos nas responsabilidades, com um conhecimento mais exacto dos caracteres tipológicos das funções humanas e por isso não se devem somente interessar, mas também cooperar no estudo e progressos da «Raciologia». Basta dar a esta ciência, que acaba de nascer, um carácter construtivo e dinâmico, não em oposição com a didáctica, mas de acordo com a mentalidade que caracteriza a nossa era moderna, isto é, com o «progresso».

Vamos, a seguir, dar as conclusões dos estudos feitos, já nas bases desta nova ciência, em relação às etnias, às raças e às nações e ainda sobre o grande problema dos cruzamentos de raças — as «mestiçagens». — Em geral, os produtos dos cruzamentos entre povos da mesma cor (ou entre brancos, pretos ou amarelos), tomam designações especiais. As relações entre essas pessoas designam-se por «cruzamentos». Mas os produtos da reunião para procriação de indivíduos de raças de cor diferente, chamam-se «mestiços», que tomam nomes particulares de «mulatos», «crioulos», «half-cast», etc. Na nova ciência — a Raciologia — designa-se por mestiçagem o cruzamento de raças diferentes, sejam ou não da mesma cor, e por «cruzamento» os produtos desses cruzamentos. O estudo, em virtude da sua alta importância, tem que ser demorado e detalhado.

### **Raças, etnias e nações** **Definições biológicas e psicológicas**

A antropologia e a etnologia, baseadas hoje na biologia e na genética, tornaram-se ciências objectivas. — A caracteriologia e a psicologia moderna, devem ser, como aquelas, integradas na Raciologia <sup>(1)</sup>.

<sup>(1)</sup> Os trabalhos do Prof. Dingemans foram publicados na revista «Medicine et Hygiene», de Lausanne, de 15 de Maio de 1968.

Existe, sem dúvida, uma parte de subjectividade nas ciências sociais, políticas e filosóficas que interessa inevitavelmente uma aproximação sintética das etnias e da tipologia, porque a delimitação de uma «raça» não pode fazer-se senão em referência a um grupo importante de homens, uma colectividade. Isto implica o estudo do seu comportamento, isto é, da sua psicologia dinâmica, em que entram um certo número de factores intuitivos.

O conceito da «raça» é um destes factores. É igualmente o que, no cruzamento de todas as ciências que respeitam ao género humano, compreendendo a sua historiologia, a sua geografia e igualmente a sua teologia, provoca a mais encarniçada polémica, quanto à «definição da raça», ou mesmo quanto ao seu reconhecimento, como classificação diferencial no género humano. Incondicionalmente admitida em zoologia, a Raciologia tornou-se, para muitos sociólogos modernos, uma ciência perigosa, que se deveria condenar.

As polémicas em volta de uma definição que separe os homens segundo os seus caracteres biológicos e psicológicos provocam, actualmente, as mesmas desconfianças e divergências que afligiram os progressos da sexologia no século passado. Tem-se o receio de descobrir, nos mecanismos da genética humana (tendo em conta as metamorfoses a partir do grupo zoológico antropeide, virtualmente presente na espécie humana actual) verdadeiras inquietações que podem, quanto à sua interpretação sociológica e filosófica, ultrapassar o seu fim utilitário e objectivo, como se deu com certas conclusões de Freud e de Teilhard du Chardin, ou mesmo do «neo-darwinismo».

Esta situação é particularmente delicada, quando se trata do estudo dos povos europeus. É por essa razão que, antes de abordar os problemas específicos da raça branca, vamos expor as nossas ideias sobre a Raciologia, começando pela definição do que é a «Raça branca», que compreende muito diversas populações; mas antes disso vamos procurar definir o que é a «Raça Humana», a que seguiremos com os estudos sobre a «Expressão dinâmica da raça», «Seleção Racial», as «Raças e a escolha do seu meio», consequência de uma espécie de *determinismo racial*, e por uma «Definição da etnia» — Depois de termos completado esta primeira parte do estudo da Raciologia, é que entraremos na segunda parte — «As mestiçagens e a constituição de personalidades nacionais».

Como os leitores vêem, a nossa exposição vai ser longa e, por isso, limitamo-nos a enunciá-la neste número e continuá-la-emos no próximo número. Mas apesar de longa, julgamo-la útil, para que possamos compreender os fenómenos que se estão passando no mundo, cuja evolução e formação é tão complexa que necessita de um estudo preparatório e detalhado. E este estudo é feito sem quaisquer ideias preconcebidas sobre quaisquer «superioridades de raça», que embotam o raciocínio de tantas pessoas e até de países.

## O DIAGNÓSTICO E A TERAPÊUTICA DA PREGUIÇA

É este um problema aliciante que durante muitos anos não mereceu a devida atenção dos educadores e dos médicos <sup>(1)</sup>.

Considerava-se em geral a preguiça, como sendo um estado voluntário, para o qual se não via remédio que não fosse o castigo, corporal ou de outra índole, da criança; assim se agravava, muitas vezes, o mal, criando complexos de inferioridade, que se vinham a reflectir no futuro da criança, ou revoltas dos pais contra os filhos que pareciam não querer de forma alguma trabalhar, o que era causa frequente de conflitos e situações infelizes adentro da família.

Últimamente, com o desenvolvimento que tomaram os estudos de Medicina Escolar, têm-se individualizado progressivamente as causas da preguiça que é na maior parte dos casos, um verdadeiro estado patológico com patogenia e sintomatologia próprias e exigindo uma terapêutica adequada. Transcrevemos aqui vários períodos de um estudo do Médico Inspector da Saúde Escolar, Dr. Américo Cortês Pinto, publicado em um Boletim da Direcção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, em 1946:

«A *Preguiça* é a mãe de todos os vícios» diz um velho rifão... E nesta velha sentença contém-se uma observação milenária de experiência moral.

Porém... será a *Preguiça* um vício?

Quantas vezes esta preguiça é gostosamente cultivada pelo preguiçoso? E quantas outras não será a preguiça uma atribulação moral desgostosamente sofrida?

Será a *Preguiça* um vício ou uma dolorosa incapacidade?

Será a *Preguiça* uma insuficiência moral ou a consequência moral duma deficiência orgânica?

Causa ou efeito?

Em certos casos, em vez dum pecado contra Deus, não será a *Preguiça* uma protecção do Criador?

Em muitos indivíduos sobretudo entre os ricos, é mais frequente um conformismo indiferente com a inacção. O deleite sexual do *dolce farniente*, conduz em pouco tempo a uma neurastenia de «blasé», a que o indolente pretende furtar-se indo procurar no vício o que só o trabalho lhe poderia dar: a alegria de viver.

Nos menos abastados, a atitude interior do indolente traduz-se muitas vezes por uma reacção melancólica, pálida e frouxa, interrompida

---

<sup>(1)</sup> Já a ele nos referimos no n.º 20 da 2.ª série dos «Estudos», que está esgotado.

por esforços mais ou menos violentos mas frustes, rapidamente vencidos pela importância do tónus vital.

Esta incapacidade de tónus de energia acaba por desorganizar toda a acção e debilitar a Vontade.

É neste momento que a palavra *preguiça* mais exactamente adstringe à ideia fundamental expressa pela sua raiz grega, que, originariamente, significa: fraqueza.

Contudo, a educação rotineira e inculca insiste no conceito vulgar de que a preguiça é sempre um índice de imperfeição moral e a luta dos pais contra a indolência dos filhos cifra-se, em geral, nos ralhos e castigos.

Com enorme frequência, porém, se verifica quanto este meio é ineficaz por se não tratar duma tendência viciosa, mas antes de uma disposição doentia».

### O conceito de inadaptação e o falso conceito da preguiça

Comecemos, antes de mais nada, por eliminar dentre os casos de preguiça verdadeira, o que melhor designaremos por *falsa preguiça*, disposição erradamente classificada como preguiçosa e que mais não é senão uma inadaptação a certas actividades forçadas, impostas num sentido contrário às aptidões do individuo.

Algumas vezes o individuo de bio-tipo psicologicamente intelectual, inclinado por fatalidade biológica para as locubrações do espírito e que se vê erradamente ou forçadamente submetido a uma preparação profissional sem interesse especulativo, resumida a um trabalho exclusivamente e monotonamente material e técnico, sofre de *inadaptação*.

Mais frequente porém, é o jovem com tendências para uma profissão física, técnica, artificialmente deslocado para uma actividade puramente intelectual. O erro corrigir-se-ia com a adaptação do jovem a um profissionalismo apropriado às suas tendências naturais. Então se revelaria que, onde se julgava existir uma *viciosa preguiça*, existia, pelo contrário, *uma magnífica actividade*. Numa terra da província dizia-me há pouco um hábil carpinteiro pentecente a uma dinastia com numerosos oficiais do mesmo officio: «Vejo-me aflito à procura de officiais... Cá na cidade não há um único colega meu que traga um filho a aprender a arte! Vai tudo para o liceu. Mas eu cá ando a ver os resultados... e afinal... nem carpinteiros nem doutores»...

Em quantos individuos fallados no liceu se podem ainda recuperar excelentes profissionais e homens de empresa...

O ponto está em não lhes prolongar muito a forçada desadaptação. Porque dentro em pouco teremos um inadaptable a todos os trabalhos... e depois... nem para carpinteiros, nem para doutores...

Entretanto, há rapazes inteligentes, dotados de um dinamismo intenso, incompatível com a expectativa dum longo prazo para iniciação das actividades profissionais, em quem um ensino que não peque por demasiadamente literal e receptivo, pode realizar uma cultura eminentemente prática e relativamente elevada.

Nestes casos, um rápido curso técnico cuja aprendizagem se realize dentro dum panorama de actividades interessadas imediatas, abrindo o ingresso à oficina, à fábrica, à indústria, poderá transformar o falso preguiçoso num profissional cheio de qualidades de inteligência e trabalho.

A vida colonial realizaria um excelente derivativo. Seria de desejar um pouquinho mais daquele espírito de aventura que um marasmo de vida local tem conseguido abater. Um pouco mais de fé e culto da independência na educação familiar, de forma a deixar ressuscitar em nosso sangue os impulsos de iniciativa e acção que levaram a nossa raça a desvendar o mundo, e veríamos muitos dos falsos preguiçosos transformados em agentes activos e empreendedores do nosso meio metropolitano e ultramarino.

### As diversas preguiças e as suas frequências

Pondo de lado estes casos de falsa preguiça, encontrar-nos-emos em face da preguiça viciosa, da preguiça patológica ou, ainda, da preguiça fisiológica.

A incidência destes três tipos de preguiça é muito diversa: a frequência com que se verificam os dois últimos tipos em relação ao primeiro é verdadeiramente impressionante.

Binet cita um inquérito médico-escolar muito cuidadoso, realizado nas escolas de Paris. Desse minucioso trabalho conclui-se que os casos de preguiça de natureza orgânica constituem nada menos de 98 % de todos os casos! Apenas 2 % caíam dentro do âmbito da preguiça essencial, psíquica!

E Gilbert Robin escreve: «Quando me dizem: aqui está uma criança preguiçosa! eu começo por olhar severamente os pais, os mestres e o médico. É muito raro que a criança não tenha razão contra tantas opiniões coligadas contra ela».

Não obstante, ainda hoje a preguiça constitui um estado mórbido cujo aspecto psicológico, subjectivo, domina e ofusca por tal forma as realidades objectivas que as determinam, que o vulgo, e até a quase totalidade dos educadores, difficilmente comprehendem que o preguiçoso seja considerado a sério como um doente.

### Preguiça de ordem fisiológica ou patológica

O que particularmente nos interessa, porém, neste momento, é menos a preguiça patológica do que a preguiça fisiológica; são aqueles estados fisiológicos mais ou menos transitórios mas que muitas vezes influem decisivamente sobre toda a vida futura do indivíduo.

Passam as crises etárias. Equilibra-se a vida fisiológica; mas o transtorno do curso interrompido, da aprendizagem profissional interceptada, projecta-se irremediavelmente sobre a vida inteira.

É certo que algumas vezes se pode retomar o fio da vida... Mas como? E por alguns êxitos que se podem apontar, quantas vidas irremediavelmente desmanchadas!

Durante a vida escolar são variadas as causas inibitórias inerentes ao próprio crescimento do adolescente e as modificações fisiológicas que o mesmo crescimento comporta.

As actividades de desenvolvimento que transformam a criança num adulto a partir da puerícia e através da puberdade e nubilidadade desenvolvem-se ao mesmo tempo no terreno físico e na esfera do psiquismo.

Saber até que ponto e em que circunstâncias as actividades são influentes ou simplesmente coincidentes com as modificações, ampliações e inovações do desenvolvimento psíquico, eis o fulcro de múltiplos problemas da psicologia.

Entretanto, quer se desenvolvam apenas paralelamente, quer em dependências, tudo se passa dentro dum determinismo natural, sequente, e pré-estabelecido.

Há ainda uma outra preguiça, *fisiológica*, de origem endocrínica, a que nos referimos mais detalhadamente no n.º VI dos Estudos quando tratámos de «Alguns conceitos psicobiológicos» e mais especialmente da «Disfunção genésica-mamária» (Esgotado).

Referimo-nos a casos especiais de preguiça, em estudantes com perturbações glandulares e dissemos: — Conhecemos alguns estudantes que se viram obrigados a interromper o curso, em virtude de períodos de preguiça a que se seguiam dores de cabeça muito intensas, dores nos olhos e impossibilidade de estudar; a seguir manifestava-se um período de grande irritabilidade, com grande intolerância para os professores. Estes casos são mais frequentes nas senhoras; há porém muitos outros casos comuns aos dois sexos e que são causados por insuficiências tiroideias.

Em um dos liceus do País, o médico escolar observou que havia vários alunos preguiçosos que se atrasavam no seu curso; depois de os estudar, verificou que alguns não eram realmente preguiçosos *voluntários*. O seu cérebro fatigava-se facilmente, bem como a atenção; eram pessoas de poucas reacções, sem energia. Verificou que tinham insuficiência tiroideia e, sem lhes dizer nada, nem aos pais, começou a dar-lhes tiroidina e a verificar que, nuns mais rapidamente e outros mais deva-

gar, se mostrava uma maior resistência para o estudo, até que alguns chegaram a normalizar-se por completo.

Não tinham pois grande culpa das suas faltas e havia nitidamente um desconhecimento ou descuido dos pais e dos professores em as investigar.

Falámos pois de preguiça voluntária ligada à mândria dos alunos e à falta de educação dos pais. Já nos referimos também à *preguiça patológica*, isto é, àquela que pode ser explicada por insuficiências físicas, que devem ser corrigidas, não só para obter maior resistência para o estudo mas ainda para tratar o *doente*.

A *preguiça patológica* tem principalmente por origem a *astenia geral*, a *fadiga cerebral* e as *insuficiências glandulares*, havendo muitos casos em que coexistem uma ou mais destas causas.

Uma, relativamente frequente é a *astenia geral*. Trata-se de rapazes fracos ou de má constituição congénita, ou que a adquiriram como consequência de doenças; contribui também para aumentar este número os casos de alimentação defeituosa e defeituoso regime de horas de trabalho e de repouso, sobretudo em que não dormem o suficiente por se deitarem tarde.

Seja qual for o caso, tem que se tratar, corrigindo um estado transitório que os prejudicará para sempre no seu futuro.

O tratamento deve consistir em *regimen* de ar livre, exercícios, horas regulares de estudo e de repouso, alimentação sadia e sono suficiente.

Como *meio terapêutico*, para actuar paralelamente ao regime, estão indicados os eupépticos, para conservar o apetite normal e os tónicos. Quando se emprega um tónico é conveniente pesar estas pessoas todas as semanas verificando a curva de peso, que é o primeiro indicativo das melhoras e porventura da cura; outros indicadores como a boa disposição, a resistência para o trabalho e a alegria de viver, mostrar-nos-ão a transformação que se vai executando.

A *fadiga cerebral* pode ser provocada de várias maneiras: — *Maus* estudantes durante o ano lectivo, vêem-se obrigados a estudar de *afogadilho*, durante dois ou três meses, geralmente durante e depois das férias da Páscoa; como tinham passado oito ou dez meses sem pedir ao cérebro um esforço regular, sem ginastificar o esforço de atenção, de raciocínio e fixação de memória, o que se lhe exige excede muitas vezes as suas possibilidades normais; é como se obrigassem um homem cuja vida é falar de manhã e passear à tarde, a transportar cargas durante dois meses; a transição seria tão brusca que as forças o abandonariam. Com o cérebro sucede o mesmo; adapta-se sucessivamente a esforços progressivos, mas fatiga-se se lhe exigem um esforço brusco e prolongado; é necessário pois auxiliá-lo, dando-lhe mais resistência e tonificando-o durante todo o período em que se lhe pede um excesso de trabalho.

## AS ANEMIAS

A IMPORTÂNCIA DO FERRO  
NO ORGANISMO

O ferro é um dos elementos mais importantes da constituição do sangue e da sua acção em todo o organismo; por isso, os estados de anemia devem sempre ser considerados como tendo uma certa gravidade, devendo ser imediatamente tratados, mesmo no seu início, para que se restitua ao organismo a estabilidade normal daquele importantíssimo elemento.

O corpo de um homem de 70 quilos contém aproximadamente 3,5 grs. de ferro metálico; esta quantidade encontra-se sobretudo no sangue, que contém 0.057 por cento, ou seja 3 grs. para um homem de 65 quilos. Existe também o ferro (sob a forma de óxido ou de fosfato, no quilo, na linfa, na bilis, no leite, no pigmento dos olhos, no tecido nervoso, no fígado, nos músculos, no pulmão, nos cabelos e sobretudo na medula dos ossos e no baço; por aqui se vê a gravidade da anemia e a necessidade de a combater, mesmo que seja ligeira, para a manutenção normal de todos aqueles tecidos e órgãos, pois reflecte-se no funcionamento daqueles órgãos e elementos.

O papel principal do ferro é o que exerce no sangue, onde se encontra exclusivamente nos glóbulos vermelhos e onde contribui para formar a matéria corante, pela sua combinação química com uma substância albuminoide, combinação conhecida sob o nome de *hemoglobina*. O ferro do fígado, dos ossos e, provavelmente dos outros órgãos, tem o papel de *ferro de reserva*, que é necessário manter para suprir as faltas em qualquer parte do organismo.

A quantidade de ferro no organismo aumenta nos primeiros seis meses de idade e depois vai aumentando lentamente, nas pessoas saudáveis, até aos 40 anos para depois diminuir muito lentamente; por isso, é conveniente fazer análises do sangue, depois dos 40 anos, com intervalos grandes quando o sangue continua normal, mas com intervalos mais pequenos, quando haja sinais de anemia; estas análises podem repre-

CURIOSIDADES

## Provérbios, sobre a mulher

- ★ A mulher foi o segundo homem que Deus fez — passado a limpo.
- ★ A vaidade é a bússola da mulher. Ela se desorienta por ela.
- ★ Segredo de mulher entra por um ouvido e sai pelo outro — de outra mulher.
- ★ Mulher feia vale por duas. O marido sempre arranja outra.
- ★ Toda a mulher tem dois princípios. Um deles é o fim.

sentar uma alerta que é a indicação de se fazer o tratamento para restabelecer a deficiência que se encontra.

As quantidades de ferro que normalmente se encontram em cada 1.000 grs. de sangue (observações de *Nothnagel*) são:

Em um homem saudável .....	0,544
Com doença inflamatória .....	0,490
Nas mulheres com tendência inflamatória	0,480
Nos homens, com reumatismo agudo .....	0,452
Nos anêmicos .....	variável
Nos cloróticos (média) .....	0,319
Na leucemia .....	0,244
Nas mulheres, com saúde .....	0,603

É o fígado que parece conter a maior parte do ferro (*ferro de reserva*); o baço contém muito menos. O sangue arterial é menos rico em hemoglobina do que o sangue venoso.

A anemia é o estado de diminuição do ferro no sangue e provocada por doenças variadas ou por perdas agudas de sangue.

Quando se faz um tratamento por meio de sais de ferro, o sangue sofre modificações importantes, que se fazem em duas fases: — a primeira fase é a de multiplicação das hemácias (glóbulos vermelhos) e a segunda fase é a da normalização das hemácias que na anemia e clorose se deformam; os glóbulos quando se renovam e normalizam adquirem maior riqueza de hemoglobina.

**Hemorragias uterinas — Amenorreia** — Nas anemias que provocam diminuição ou falta das regras mensais, os preparados de ferro restabelecem a saúde e o fluxo uterino; nas mulheres bem *regradadas* o ferro diminui em alguns casos a quantidade e a cor do sangue expellido.

A esterilidade ligada à anemia, pode ser modificada por meio do ferro. A leucorreia também melhora ou se cura com o tratamento pelo ferro.

A associação do manganéz, do cobre e do ferro, reforça os seus efeitos terapêuticos. O mesmo sucede com os extractos de fígado e de baço.

O ferro é mais facilmente assimilado se for já, por seu turno, assimilado e se se empregar um ferro orgânico em vez do ferro metálico em pó ou de sais minerais de ferro. Este problema conseguiu-se resolver, transformando o ferro metálico em ferro orgânico, e empregando-o sob a forma de peptonatos; esta transformação é mais actuante se os peptonatos forem preparados com peptonas do fígado e do baço.

Por outro lado, como a maior parte dos anêmicos têm fraqueza geral com falta de apetite, verificou-se que, associando aos preparados de ferro vários eupépticos, o resultado é muito superior.

## ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA E A PSICOLOGIA DINÂMICA

### A FÍSICO-PSICOLOGIA E AS SUAS RELAÇÕES COM A SOCIOLOGIA

#### IV

Continuamos com este estudo que, como já dissemos, é muito complexo e exige, para a sua compreensão, certos conhecimentos técnicos, de anatomia e fisiologia do cérebro e de fluxos eléctricos e electrónicos, pois que a mecânica da fisiologia cerebral é de alta complexidade.

Estudámos nos artigos anteriores as «Bases físico-químicas da memória», a «Físico-Psicologia da Linguagem», as «Blocagens e transformações psicogéneas — A Intuição», a «Codificação dos influxos nervosos», e o «Factor cumulativo na excitação neurotónica». Vamos continuar este estudo explicando o que é a «Corrente nervosa binária».

#### Corrente nervosa binária

É devido às modificações electrogéneas produzidas pelas actividades cerebrais, que se pode fazer o registo de um encefalograma.

As experiências têm mostrado que o princípio e o fim de uma excitação produz, ao longo de uma fibra nervosa, uma variação na tensão eléctrica (experiências dos fisiologistas russos, para verificar a sensibilidade ou a não-sensibilidade dos animais às mudanças de cores).

Ora, parece que o fluxo nervoso não é retransmitido com uma intensidade contínua e variável, mas que se propaga sob a forma de um arco completo: — *excitação* — *não-excitação* — *contacto ou não-contacto* — das sinapses, segundo um verdadeiro sistema binário simples.

É o mesmo que acontece no processo nervoso que comanda a contracção muscular. O que dá a força de execução a um músculo, não é a intensidade progressiva do influxo nervoso destinado a cada fibra, mas o número de fibras que o músculo contém; a continuidade no esforço de concentração está assegurada pelo *relais* de uma fibra relaxada por uma vizinha restaurada; se todas as fibras musculares se contraíssem ao mesmo tempo, a massa do músculo, acabaria por rebentar em vários pontos.

É, comparativamente, o mesmo que se dá no registo das células sensoriais. O grau de intensidade de uma excitação será dado pelo número de unidades de «contacto neurotónico» propagadas sucessivamente e separadamente em um tempo determinado. Cada vez que a soma mínima das excitações necessárias para provocar o processo é requerida, uma unidade neurotónica propaga-se do neurone de partida até à célula cerebral terminal; quando a soma de excitantes ultrapassa fortemente o

mínimo considerado, o neurone transmite, primeiramente uma unidade e, depois de um tempo de repouso, uma segunda unidade e assim sucessivamente até ao esgotamento da soma acumulada.

Se o excitante é muito fraco, é necessário, às vezes, alguns segundos de acumulação para enviar uma primeira mensagem; é o caso do olho, que já habituado à escuridão, tem de fixar longamente um objecto para chegar a apercebê-lo, em uma noite muito escura.

O que é determinante no lançamento do fluxo nervoso é, não a persistência da excitação de um estímulo mas, pelo contrário, as suas variações.

Uma corrente nervosa produz-se, sobretudo, no princípio e no fim de um acontecimento. A permanência de um elemento excitante provoca, muito rapidamente, o esgotamento da corrente nervosa. Os fisiologistas russos demonstraram-o, fixando sobre o olho uma imagem de contacto, tal como as lentes de contacto, com uma paisagem; nos primeiros segundos, o observador só percebe uma vaga luz cintilante, porque as terminações foto-sensíveis não percebem qualquer mudança; basta um ligeiro deslocamento da imagem para que a paisagem apareça ou reapareça.

O conceito da modulação de um fluxo nervoso, consiste em considerar este fluxo, não como dotado de variações contínuas, mas como formado de unidades neurotónicas, que se sucedem, segundo uma frequência e um ritmo, um pouco comparáveis a uma frase transmitida em alfabeto Morse, em um determinado espaço de tempo; uma informação seria específica, em parte pela frequência em um tempo dado (por exemplo, um centésimo de segundo) e, por outro lado, pelas características da «frase» de constituição binária da linguagem neurotónica, para cada grupo similar de ondas.

A aplicação mais simples, seria a retransmissão das vibrações áudio-géneas em que domina a diferenciação analítica. A visão implica, pelo contrário, fenómenos sintéticos.

### **As «memórias» e os «afectos» em relação com o «Eu»**

O «Eu» está em contacto com as imagens do passado, que não estão armazenadas, mas são *reconstruídas*, conforme as necessidades do momento.

Para o equilíbrio do psiquismo humano, a modificação da «recordação» é uma função natural e necessária. Sabe-se quando o homem normal, na recordação, faz o recuo do tempo, tem uma tendência para embelezar as imagens, a conservar as boas lembranças e para expulsar as lembranças das más experiências que faz, as quais se acumulariam inútilmente nas suas capacidades de memorização, que têm um limite;

o processo pode ir até ao total esquecimento, que contribui para a sua segurança.

Esta contribuição efectiva, na recordação dos bons movimentos e no esquecimento dos maus, auxilia a formação ou conservação dos «afectos».

Um «afecto» é uma reacção involuntária de natureza espontânea (tristeza, angústia, cólera, inquietação ou euforia). Um «afecto» está para com o psiquismo, na mesma relação que os humores para com a fisiologia. Como o *humor*, o *afecto* é fortemente condicionado pelo temperamento hereditário e pode actuar em bloco, sem que o raciocínio intervenha, ou pode ter um carácter provisório, (*estado de alma*) ou permanente (*mentalidade*) e pode ser adquirido por um *desvio* da educação.

Jung, diz que os «afectos» podem ser modificados pela intervenção do «inconsciente», cujas irrupções levam o indivíduo a intervir bruscamente, sem atender aos afectos, aos factores subjectivos e às recordações, para atingir imediatamente o «Eu».

Freud e Jung, distinguem o «inconsciente pessoal» do «inconsciente colectivo».

No próximo artigo estudaremos o «Eu e o inconsciente colectivo».

#### CURIOSIDADES

É perigosíssimo o uso de estimulantes para combater a fadiga dos que conduzem de noite ou durante muitas horas: — Todo aquele que tenha de conduzir o seu carro durante muitas horas seguidas, ou até de noite, conhece a excitante luta contra o cansaço que vai aumentando. Cresce o horror no momento em que a capacidade de concentração falha completamente e se adormece sem dar por isso.

Hoje estão à venda drogas destinadas a «aumentar a resistência e a concentração», não faltando, na propaganda, as referências ao «momento de fraqueza». O folheto de um destes produtos promete até mesmo, a quem tenha longas viagens a fazer, o «domínio mais seguro e mais rápido do tão temido «ponto morto».

Haverá realmente produtos farmacêuticos capazes de reprimir, com êxito, o cansaço progressivo, isto é, capazes de evitar que o homem ao volante adormeça? Esta pergunta foi disutada em dois congressos médicos: na reunião da Sociedade Alemã de Medicina Forense e Social, em Hamburgo, e no congresso da Sociedade Internacional de Higiene e Medicina Preventiva, em Viena.

É evidente que existem inúmeros estimulantes, alguns contidos em géneros alimentícios ou em preparados químicos, como, por exemplo, a cafeína, que exercem um efeito excitante e estimulante sobre muitas pessoas. O hábito destes estimulantes torna-os ineficazes, sem falar da sua nocividade. Estes produtos não oferecem, de nenhuma maneira, a garantia de se permanecer acordado e em estado de plena consciência durante horas seguidas e de se ser capaz de executar certas funções com toda a concentração.

(Continua na pág. 528)

## AS INFLAMAÇÕES DA VESÍCULA

As inflamações da vesícula nem sempre são provocadas por cálculos, como muitas pessoas pensam.

A colecistite não litíasiaca (sem cálculos) tem sucesso com a operação da extracção da vesícula, em 24 a 76 por cento (segundo as conclusões de vários clínicos) enquanto que a extracção da vesícula nas colecistites calculosas é eficaz em 90 por cento dos casos.

Em um estudo radiológico e clínico feito em 12 doentes, verificou-se que estes se dividiam nos seguintes grupos:

- 3 casos de colecistite aguda, com necrose, hemorragia e edema.
- 4 casos de colecistite crónica média, com infiltração da musculatura lisa da vesícula biliar, fibrose, tumefacção e coalescência das vilosidades das paredes.
- 5 casos de colecistite ligeira.

A colecistite não calculosa manifesta-se por pequenos episódios dolorosos no quadrante superior direito do abdomen, às vezes, com uma febre ligeira e indigestões.

Não é possível tirar conclusões definitivas sobre a oportunidade da ablação de uma vesícula biliar não litíasiaca. O que se deve é ter atenção sobre as alterações patológicas associadas, com o fim de diminuir as consequências post-operatórias, que são de várias ordens:

- *Condições anatómicas*: — Fibrose e obstrução do canal cístico, artéria cística anormal ou tortuosa, comprimindo o canal cístico.
- *Condições fisiológicas*: — Espasmo ou esclerose do esfíncter de Oddi, com ou sem pâncreatite.
- *Doenças sistemáticas*: — Diabetis, periartrite nodosa, lupus eritematoso disseminado, artrite reumatisal crónica, alergias.
- *Infeções específicas*: — Febre tifóide, actinomicose, apendicite, tuberculose ileo-cecal, colite ulcerosa, hepatite-a-virus.

Deve vigiar-se o doente, para diagnosticar precocemente, qualquer dos processos mórbidos associados:

- *Inspecção pre-operatória* minuciosa das ansas intestinais próximas, do cardia e do pâncreas.
- *biopsia hepática*, especialmente nos doentes em que o exame mostrou não haver cálculos.
- Cultura bacteriológica de fragmentos da parede da vesícula.
- Culturas das fezes para procurar o bacilo tífico.

Seja como for, o facto de haver uma colecistite, com ou sem cálculos, indica que o fígado está doente e, não só para o tratar, como ainda para procurar evitar que a doença se agrave, é necessário passar a tomar, regularmente, medicamentos lipotrópicos, que não só melhoram o doente como ainda permitem a regeneração, parcial ou total do fígado.

## PERTURBAÇÕES NERVOSAS DOS DIABÉTICOS

A diabetes perturba o metabolismo geral e, por isso, reflecta-se no funcionamento dos vários órgãos. Vamos referir-nos às perturbações causadas no sistema nervoso, que em geral se manifestam em cerca de 13 por cento dos casos, ainda que o doente muitas vezes se não aperceba.

As mais frequentes são a perturbação da sensibilidade e dos movimentos dos pés. «Mayne» diz que em 220 diabéticos examinados sistematicamente para investigar as perturbações neurológicas periféricas observou, em 17 por cento, casos de dores nevralgias dos membros, com parestesias e sensação de adormecimento nos pés. — Em 44 por cento destes doentes, com menos de 30 anos, encontrou uma diminuição do reflexo aquileano, mas para além dos 50 anos a proporção eleva-se para 84 por cento. É interessante notar que verificações análogas foram feitas, mas com muito menor percentagem em muitas pessoas de idade, não diabéticas.

Nos diabéticos de mais de 50 anos encontram-se algumas vezes dores musculares nocturnas nas pernas.

As perturbações nas pernas podem também revestir a sensações de queimaduras, mas também podem manifestar-se por sensações de frio, ou por cainbras ou contrações musculares e ainda por dores violentas na região inguinal e lombar.

As diminuições de sensibilidade e motoras, como a sensação de adormecimento nos pés, a que já nos referimos e a fraqueza nas pernas, podem aumentar da intensidade. Estas manifestações podem estender-se, mas muito mais raramente, para os membros superiores.

Com o enfraquecimento de reflexo aquileano, observa-se ainda ocasionalmente um atraso na fase de descontração.

A neuropatia diabética típica e clássica, em regra, desenvolve-se insidiosamente e progressivamente, mas podem também manifestar-se agravamentos e remissões espontâneas, desde o princípio.

A bexiga dos diabéticos é principalmente atónica, com retenção da urina; a perturbação da motricidade intestinal, principia muitas vezes por diarreias nocturnas. A impotência sexual dos diabéticos é uma manifestação séria que aparece independentemente das perturbações vesicais. Mais raramente, podem aparecer casos de paralisia dos olhos.

Os estudos feitos sobre a neurofisiologia dos diabéticos mostraram-nos que na base de todas as modalidades caprichosas das neuropatias dos diabéticos existe uma anomalia funcional global de todo o sistema nervoso periférico. O retardamento na condução nervosa do estímulo pode também ser verificado no braço, nos nervos cubitais, apesar do doente se queixar apenas de uma fraqueza ou adormecimento no pé.

Por este estudo se verifica mais uma vez que é indispensável tratar a diabetes desde o princípio e que sempre que aparecem perturbações da sensibilidade e da motilidade a que nos referimos, deve imediatamente investigar-se se a pessoa será diabética.

Além do tratamento geral da diabetes, devem procurar tratar-se as manifestações que descrevemos.

## ***Tratamento de Diabetes***

### **Glicolise**

**ou isoladamente ou associada à insulina, ou substituindo esta progressivamente, conforme o conselho médico.**

**Amostras e literatura à disposição dos Ex.<sup>mos</sup> Médicos.**

#### **CURIOSIDADES**

*(Continuação da pág. 525)*

No congresso de Hamburgo soube-se que na Clínica Universitária de Gottingen se fizeram experiências para esclarecer se seria possível exercer influência positiva sobre o cansaço. Os indivíduos submetidos aos ensaios eram principalmente agentes da Polícia, que compareceram na clínica depois do serviço. Utilizou-se nos ensaios o «Ha-94», um estimulante em voga. Para contraprova ministrou-se ao mesmo tempo a outro grupo um similar do Ha-94», absolutamente ineficaz.

As experiências provaram, claramente, que a luta contra o cansaço por meio de medicamentos, neste caso o «Ha-94», envolve muitos perigos. Ao passo que as pessoas do grupo de contraprova não mostraram quaisquer reacções, como se esperava, verificou-se nas pessoas que se encontravam sob o efeito do produto mencionado o seguinte: redução das capacidades intelectuais, disposição crescente a afectos assim como aumento da inquietação psíquica. Mesmo para os leigos devia ser evidente que um indivíduo sob o efeito de um estimulante está longe de ser um automobilista seguro e de reacções rápidas.

Os cientistas falam neste caso de «alteração de personalidade».

O relatório do congresso sobre as experiências feitas em Gottingen termina com esta frase alarmante: «Verificando-se definitivamente que só é possível elevar as capacidades físicas à custa de alterações indesejáveis da personalidade, é necessário prevenir os automobilistas do perigo de tomarem estimulantes medicinais». (Do *Diário de Notícias*).

No caso porém, de se não tratar de estimulação artificial e que a fadiga seja normal, sobretudo provocada por um estado de menor resistência devida à fraqueza geral, é necessário tonificar o organismo para lhe restituir a energia e resistência normais, o que se consegue fazendo-se um tratamento mais ou menos prolongado com o Opohemol (3 a 5 colhes de sopa por dia, às refeições).



## Um novo antibiótico de acção mais intensa

### Eritina-Sanitas

**Indicações** — Infecções agudas e crónicas por germes Gram-positivos, nomeadamente por estafilococcus, estreptococcus, pneumococcus e meningococcus. Revela-se também eficaz contra algumas bactérias Gram-negativas, rickettsias, certos virus e parasitas (amibiase aguda e crónica).

Pela baixa toxicidade e largo espectro de acção a **Eritrina** torna-se o medicamento de eleição nas amigdalites, sinusites, bronquites, faringites, otites, osteomielites, endocardites, erisipelas, furunculose, piodermites, gonorreia e ainda em todas as situações com germes resistentes ou sensibilidade alérgica à penicilina.

**Posologia** — Segundo prescrição médica. Nas situações correntes e infecções de média gravidade, a dose indicada oscila entre 1 a 2 cápsulas (250 a 500 mgrs.) de 6 em 6 horas.

Nas infecções graves, especialmente nas osteomielites e endocardites agudas, as doses terão que ser muito mais elevadas e durante um tempo prolongado, de preferência sob o controle prévio do antibiograma.

— Prepara-se em frs. de 12, 24 e 100 cápsulas.

**Contra-indicações e efeitos secundários** — Não existem praticamente contra-indicações para o uso de **Eritromicina** a não ser que estejamos em presença de germens resistentes a este antibiótico, o que é raro.

Os efeitos secundários, já de si mínimos com a **Eritromicina** base, são ainda muito menores com o uso do propionato de **Eritromicina**, sendo raríssimas as manifestações alérgicas que se limitam a prurido e erupções cutâneas e ainda mais raras as depressões medulares ou perturbações das funções renal e hepática.

Contrasta ainda a **Eritromicina** em relação aos outros antibióticos de largo espectro, pelo facto de ter efeitos prejudiciais mínimos sobre a flora intestinal, sendo diminutos os casos de perturbação gastro-intestinal.

De entre os antibióticos de largo espectro, a **Eritromicina**, apresenta como característica fundamental a baixa toxicidade (Herrer-1958), sem perda de capacidade terapêutica, o que permite uma larga margem de manejo, com administração de doses elevadas durante tempo prolongado.

O Laboratório Sanitas reconheceu na **Eritina** (propionato de **Eritromicina**) o sal ideal pois, para a mesma dose oral, produz níveis sanguíneos mais precocemente elevados e mantidos durante mais tempo, além de uma toxicidade inferior à da própria **Eritromicina**.

*O medicamento*

## *Anti-depressor*

de mais seguros resultados é o

*Nidralen*

O efeito benéfico faz-se sentir, em regra após um período que oscila entre os 3 e os 15 dias, podendo ir até 3 a 4 semanas. Para a maior parte dos casos, a dose de 3 comprimidos por dia é a indicada, devendo ser fraccionada durante o dia e não tomada à noite, porque pode provocar um certo grau de insónia.

Literatura e amostras à disposição dos Ex.<sup>mos</sup> Médicos.

**No caso de uma**

**Bronquite acentuada, com tendência  
para se**

**TRANSFORMAR EM BRONCOPNEUMONIA**

**se se actuar prontamente com a**

*Penampla*

consegue-se frequentemente dominar a sintomatologia e a bronquite passa a seguir a ter o quadro normal da «bronquite ligeira».

*(Pedir literatura especial ao Laboratório Sanitas)*